

Mais de 90 milhões de livros vendidos

NICHOLAS SPARKS



O Resgate



ARQUEIRO





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

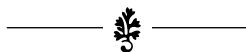
Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Este livro é dedicado a Pat e Billy Mills, com amor.
Minha vida é melhor graças a vocês dois. Obrigado por tudo.*

Prólogo



Tempos depois aquela seria considerada uma das tempestades mais violentas da história da Carolina do Norte. Como ocorreu em 1999, alguns dos cidadãos mais supersticiosos a consideraram um mau presságio, o primeiro indício do fim do mundo. Outros simplesmente balançaram as cabeças e disseram que sabiam que mais cedo ou mais tarde algo assim aconteceria. No total, nove tornados tocaram o solo naquele fim de tarde na parte leste do estado, destruindo quase trinta casas. Cabos telefônicos ficaram espalhados nas estradas e transformadores pegaram fogo sem que ninguém pudesse impedir. Com um único e cruel ataque da Mãe Natureza, milhares de árvores caíram, as margens de três grandes rios foram varridas de repente por inundações violentas e centenas de vidas mudaram para sempre.

Tinha começado do nada. Em um minuto estava nublado e escuro – o que não era muito incomum – e, no minuto seguinte, o céu de início do verão explodiu em relâmpagos, ventos fortes e chuva pesada. A tempestade viera do noroeste e estava atravessando o estado a quase 65 quilômetros por hora. As estações de rádio começaram a emitir avisos de emergência registrando a força do temporal. As pessoas tentavam se abrigar em lugares fechados, mas as que pegaram a estrada, como Denise Holton, não tinham para onde ir. Agora que ela estava bem no meio da tormenta, não restava muito o que fazer. Em alguns pontos a chuva caía tão forte que o trânsito fluía a 8 quilômetros por hora, mas, ainda assim, o rosto de Denise era pura concentração e os nós de seus dedos estavam brancos de tanto apertar o volante. Às vezes era impossível enxergar a estrada, mas parar significaria um desastre certo, já que outros veículos vinham atrás e não conseguiriam ver o carro dela a tempo de parar.

Denise passou o cinto de segurança por cima da cabeça, ficando presa apenas pela cintura, de modo que pudesse se inclinar sobre o volante e distinguir melhor as marcações de faixa da estrada e um ou outro ponto aqui e ali. Houve longos trechos nos quais teve a impressão de estar dirigindo apenas por instinto, porque não conseguia enxergar nada. A chuva caía sobre o para-brisa como uma onda do mar, obscurecendo quase tudo. Os faróis pareciam totalmente inúteis. Ela queria parar, mas onde? Em que lugar seria seguro? No acostamento? As pessoas vinham ziguezagueando por todo o caminho, tão cegas quanto ela. Assim, Denise tomou uma rápida decisão: de algum modo, prosseguir parecia mais seguro. Seus olhos iam da estrada para as lanternas do carro à frente e o retrovisor, e ela rezava para que todos na estrada estivessem fazendo o mesmo: procurando algo que os mantivesse seguros. Qualquer coisa.

Então, tão subitamente quanto havia começado, a tempestade enfraqueceu e foi possível enxergar de novo. Denise imaginou que houvesse deixado a tempestade para trás – e, ao que parecia, todos na estrada acharam o mesmo, porque, apesar de o asfalto continuar escorregadio, os carros começaram a acelerar, tentando permanecer à frente da tormenta. Denise também acelerou para acompanhá-los. Dez minutos depois, com a chuva ainda caindo, porém mais fraca, ela olhou de relance para o ponteiro da gasolina e sentiu um nó se formar no estômago. Logo precisaria parar. Não tinha combustível suficiente para chegar em casa.

Alguns minutos se passaram.

Ela continuava atenta ao trânsito. Sendo noite de lua nova, havia pouca luz vindo do céu. Denise deu outra olhada no painel. O ponteiro da gasolina estava bem baixo na área vermelha. Mesmo preocupada em permanecer à frente da tormenta, ela desacelerou, tentando economizar combustível e torcendo para que ele durasse. Torcendo para conseguir ficar fora da área da tempestade.

Os outros carros começaram a ultrapassá-la depressa, e seus limpadores de para-brisa quase não davam conta da água lançada sobre eles. Denise seguiu em frente.

Mais dez minutos se passaram antes que Denise pudesse dar um suspiro de alívio. Foi quando ela viu uma placa indicando um posto de gasolina a menos de 2 quilômetros. Ligou a seta, mudou para a pista da direita e pegou a saída. Parou na primeira bomba livre.

Havia conseguido, mas sabia que a tempestade ainda estava a caminho. Chegaria àquela área em quinze minutos, se não antes. Denise tinha tempo, mas não muito.

Encheu o tanque o mais rápido que pôde e depois ajudou Kyle a sair da cadeirinha. Deu a mão ao menino e o levou consigo para fazer o pagamento; havia muitos carros ali para deixá-lo sozinho no veículo. Kyle era pequeno, mais baixo do que a maçaneta da porta da loja de conveniência.

Ao entrar, Denise percebeu quanto o lugar estava cheio. Parecia que todos na estrada haviam tido a mesma ideia: *abastecer o carro enquanto ainda era possível*. Denise pegou uma lata de Coca-Cola diet, a terceira do dia, depois deu uma olhada nos refrigeradores ao longo da parede dos fundos. Perto do canto, encontrou leite com sabor de morango para Kyle. Estava ficando tarde e o menino adorava tomar leite antes de dormir. Se ela conseguisse ficar à frente da tempestade, esperava que ele dormisse a maior parte do caminho de volta.

Foi para a fila da caixa, onde quatro pessoas já aguardavam. Todas pareciam impacientes e cansadas, como se não entendessem como o lugar podia estar tão cheio àquela hora. Talvez, de algum modo, tivessem se esquecido da tempestade. Mas bastou observar seus olhares para Denise ter certeza de que não. Todos na loja estavam nervosos. *Ande logo*, diziam suas expressões, *precisamos sair daqui*.

Denise suspirou. Sentia o pescoço tenso. Girou os ombros, mas não ajudou muito. Fechou os olhos, esfregou-os e abriu-os de novo. Nos corredores atrás dela, ouviu uma mãe discutir com o filho pequeno. Denise olhou de relance por cima do ombro. O garoto devia ter mais ou menos a idade de Kyle, uns 4 anos e meio. A mãe parecia tão estressada quanto Denise. Ela segurava com força o braço do menino, que batia os pés no chão.

– Mas eu quero *cupcakes*! – choramingava.

A mãe se manteve firme.

– Eu disse não. Você já comeu muita porcaria hoje.

– Mas você compra as coisas para *você*.

Depois de um instante, Denise desviou o olhar. A fila não tinha andado. Por que tanta demora? Olhou para as pessoas na frente, tentando descobrir o motivo. A mulher na caixa registradora parecia atrapalhada com tanto movimento e, pelo visto, todos queriam pagar com cartão de crédito. Passou-se mais um minuto até que terminasse o atendimento do primeiro cliente da fila.

A mulher e a criança ficaram bem atrás de Denise, ainda discutindo. Denise pôs a mão no ombro de Kyle, que estava em pé quieto, bebendo o leite pelo canudinho. Ela não pôde evitar ouvir a conversa atrás de si.

– Ah, por favor, mãe!

– Se continuar, vai levar uma palmada. Não temos tempo para isso.

– Mas eu estou com fome.

– Então deveria ter comido seu cachorro-quente.

– Eu não queria cachorro-quente.

E aquilo continuou. Três clientes depois, Denise finalmente chegou à caixa registradora, abriu sua carteira e pagou em dinheiro. Tinha um cartão de crédito para emergências, mas raramente – ou nunca – o usava. Dar o troco pareceu mais difícil do que passar cartões de crédito na máquina. A atendente ficou olhando para os números na caixa, como se fizesse esforço para entendê-los. A discussão entre mãe e filho continuava sem trégua. Por fim, Denise recebeu seu troco, guardou-o a carteira e se virou na direção da porta. Compreendia que a noite estava sendo difícil para todos, por isso sorriu para a mãe atrás dela, como se dissesse: *crianças são difíceis às vezes, não é?*

Em resposta, a mulher revirou os olhos.

– Você tem sorte.

Denise olhou para ela, interrogativa.

– Desculpe, não entendi.

– Eu disse que você tem sorte. – Ela apontou a cabeça para o filho. – Este aqui nunca cala a boca.

Denise olhou para o chão e, com os lábios cerrados, balançou a cabeça, virou-se e saiu da loja. Apesar do estresse da tempestade, do longo dia dirigindo e do tempo que passara no centro de diagnóstico, tudo em que podia pensar era Kyle. Enquanto caminhava na direção do carro, sentiu uma vontade súbita de chorar.

– Não – sussurrou para si mesma. – Quem tem sorte é você.

1



Por que ele? Por que, de todas as crianças, isso tinha de acontecer com Kyle?

De volta ao carro depois de abastecer, Denise retornou à rodovia a tempo de ficar à frente da tempestade. Durante os vinte minutos seguintes, a chuva continuou caindo, mas não de modo ameaçador, e os limpadores de para-brisa empurravam a água de um lado para o outro enquanto Denise voltava para Edenton, na Carolina do Norte. A Coca-Cola diet estava entre o freio de mão e o banco do motorista e, embora Denise soubesse que aquilo não lhe fazia bem, bebeu o que restava dela e logo desejou ter comprado outra lata. Esperava que a cafeína extra a mantivesse alerta e concentrada na direção, em vez de pensando em Kyle. Mas ele sempre estava em sua mente.

Kyle. O que podia dizer sobre ele? Havia sido parte dela, Denise ouvira seu coração bater com 12 semanas de vida, sentira seus movimentos ao longo de todos os cinco meses finais da gravidez. Ainda na sala de parto, foi só olhar para o filho e ela duvidara que pudesse haver algo mais bonito no mundo. Esse sentimento não havia mudado, embora ela não fosse a mãe perfeita. Simplesmente fazia o melhor que podia, aceitando o bom e o ruim e procurando alegrias nas pequenas coisas. Com Kyle, às vezes era difícil encontrá-las.

Nos últimos quatro anos, Denise fizera o possível para ser paciente com ele – o que nem sempre era fácil. Certa vez, quando Kyle ainda engatinhava, ela pusera a mão por alguns instantes sobre a boca do filho para calá-lo. Talvez alguns pais cansados considerassem isso um erro desculpável, já que o menino não dormira nada à noite e depois chorara por mais de cinco horas sem parar. Porém, após aquele episódio, ela passara a se esforçar ao

máximo para conter suas emoções. Quando sentia a frustração aumentar, contava lentamente até dez antes de agir; quando isso não adiantava, saía do cômodo para se recompor. Geralmente isso ajudava, mas era tanto uma bênção quanto uma maldição. Uma bênção porque Denise sabia que era preciso paciência para ajudá-lo e uma maldição porque fazia com que ela questionasse as próprias habilidades como mãe.

Kyle nascera exatos quatro anos depois de a mãe de Denise morrer de aneurisma cerebral e, embora Denise não fosse do tipo supersticiosa, achava difícil considerar isso mera coincidência. Tinha certeza de que Kyle era uma dádiva de Deus. Sabia que fora enviado para reconstruir sua família. Ela não tinha mais ninguém no mundo. O pai morrera quando Denise tinha 4 anos, ela não tinha irmãos e seus avós dos dois lados também haviam falecido. Kyle se tornou o único foco de todo o amor que Denise tinha a oferecer.

Mas o destino é estranho, imprevisível. Embora ela cobrisse o filho de atenção, isso de alguma forma não fora suficiente. Agora Denise levava uma vida que não teria imaginado, uma vida em que o progresso diário do menino era cuidadosamente anotado em um caderno. Agora sua vida era totalmente dedicada a ele. Kyle, é claro, não reclamava do que eles faziam todos os dias. Ao contrário das outras crianças, nunca reclamava de nada.

Denise olhou de relance para o espelho retrovisor.

– Em que você está pensando, querido?

Kyle observava a chuva bater nas janelas, a cabeça inclinada para o lado. Estava com seu cobertor no colo. Não dissera uma palavra desde que entrara no carro, mas se virou ao ouvir a voz da mãe.

Ela esperou por uma resposta. Mas não houve nenhuma.



Denise Holton morava na casa que fora de seus avós. Com a morte deles, a residência passara para a mãe e, depois, para ela. Não era grande coisa – uma construção decadente da década de 1920, em um terreno de 12 mil metros quadrados. Os dois quartos e a sala não eram muito ruins, mas a cozinha precisava urgentemente de equipamentos modernos e o banheiro não tinha chuveiro, apenas uma banheira antiga. As varandas da frente e dos fundos estavam caindo aos pedaços e, sem o ventilador portátil, às vezes Denise achava que seria possível a pessoa fritar ali. Só que ali ela não

pagava aluguel e era exatamente disso que precisava. Fazia três meses que morava na casa.

Ficar em Atlanta, onde fora criada, teria sido impossível. Denise usara o dinheiro de herança para ficar um tempo em casa com o filho recém-nascido. Na época, considerara isso uma licença temporária do trabalho. Planejava voltar a lecionar quando Kyle fosse um pouco mais velho. Sabia que o dinheiro um dia acabaria e precisava se sustentar. Além disso, adorava dar aulas. Na primeira semana longe do trabalho, já sentia falta dos alunos e dos outros professores. Agora, anos depois, continuava em casa com Kyle e a sala de aula era apenas uma recordação vaga e distante, algo mais parecido com um sonho do que com a realidade. Ela não conseguia se lembrar de nenhum plano de aula ou dos nomes dos alunos. Se não conhecesse a verdade, poderia jurar nunca ter feito parte de nada daquilo.

A juventude traz a promessa de felicidade, mas a vida traz a realidade do sofrimento. O pai, a mãe, os avós – todos se foram antes que Denise completasse 21 anos. Ela estivera em cinco casas funerárias quando legalmente ainda nem podia entrar em um bar para afogar as mágoas. Havia enfrentado mais do que sua cota justa de sofrimentos, mas, ao que parecia, Deus não pararia por aí. Como os sofrimentos de Jó, os dela continuaram. “Estilo de vida de classe média?” *Já era.* “Amigos com quem cresceu?” *Ficaram no passado.* “Um emprego de que goste?” *Isso é pedir demais.* E Kyle, o menino doce e maravilhoso em nome de quem todas essas mudanças haviam acontecido, de muitas formas ainda era um mistério para ela.

Em vez de lecionar, Denise trabalhava à noite no Eights, um restaurante movimentado nos arredores de Edenton. O dono, Ray Toler, era um negro de 60 e poucos anos que gerenciava o lugar havia trinta. Ele e a esposa tinham seis filhos, todos formados em universidades. Cópias dos diplomas deles decoravam a parede dos fundos do estabelecimento e todos os clientes ouviam falar deles. Ray fazia questão disso. Também gostava de contar sobre Denise, de dizer que ela fora a única pessoa a lhe entregar um currículo ao fazer a entrevista de emprego.

Ray era um homem que entendia a pobreza, conhecia a bondade e sabia como as coisas eram difíceis para mães solteiras.

“Temos um quartinho nos fundos do prédio”, ele lhe dissera quando a contratara. “Você pode trazer seu filho, desde que ele não atrapalhe.” Lágrimas se formaram nos olhos de Denise quando Ray lhe mostrou o cô-

modo. Duas camas, uma luminária: era um espaço onde Kyle ficaria seguro. Na noite seguinte, Kyle foi posto para dormir naquele pequeno quarto assim que Denise começou seu turno; horas depois ela o colocou no carro e o levou de volta para casa. A rotina não havia mudado desde então.

Denise trabalhava quatro noites por semana, em um turno de cinco horas, e ganhava apenas o suficiente para sobreviver. Fazia dois anos que trocara seu Honda por um Datsun velho, porém confiável, para embolsar a diferença. Aquele dinheiro, junto com o da mãe, fora gasto havia tempo. Denise tinha se tornado especialista em fazer economia e cortar despesas. Não comprava roupas novas para si mesma havia dois Natais; os móveis de sua casa eram razoáveis, mas resquícios de outros tempos. Ela não assinava revistas, não tinha TV a cabo e seu aparelho de som era um velho radiogrador da época da universidade. O último filme a que assistira no cinema fora *A lista de Schindler*. Raramente fazia ligações interurbanas. Tinha 238 dólares no banco. Seu carro tinha 19 anos e rodara quilômetros suficientes para dar cinco voltas ao mundo.

Mas nada disso importava. Apenas Kyle.

Mas nunca, nem uma única vez, ele dissera que a amava.



Nas noites em que não trabalhava no restaurante, Denise geralmente se sentava na cadeira de balanço na varanda dos fundos com um livro no colo. Gostava de ler lá fora, onde o guizalhar monótono dos grilos a confortava. A casa era cercada de carvalhos, ciprestes e castanheiras, tudo coberto de barba-de-velho. Às vezes, quando o luar se infiltrava pela vegetação, sombras parecidas com animais exóticos se projetavam na entrada de cascalho.

Em Atlanta, Denise costumava ler por prazer. Seu gosto variava de John Steinbeck a Ernest Hemingway, de John Grisham a Stephen King. Embora esses tipos de livros estivessem disponíveis na biblioteca local, ela já não os procurava. Em vez disso, usava os computadores perto da sala de leitura, que tinham acesso gratuito à internet, para procurar estudos clínicos patrocinados por grandes universidades e, sempre que encontrava algo relevante, imprimia a página. Seus arquivos já tinham quase 10 centímetros de altura.

No chão perto da cadeira, havia uma série de compêndios de psicologia. Eram obras caras, que tinham feito um rombo em seu orçamento. Porém,

sempre representavam uma esperança e, depois de encomendá-las, Denise as aguardava ansiosamente. Dessa vez, gostava de pensar, encontraria algo que ajudasse.

Quando chegavam, Denise estudava as informações durante horas. À luz da luminária, examinava os dados, coisas que geralmente já havia lido. Ainda assim, não se apressava. De vez em quando fazia anotações e, em outros momentos, dobrava a página e destacava um trecho. Uma ou duas horas se passavam antes de ela finalmente fechar o livro e dar por encerrada a leitura daquela noite. Levantava-se e se movia para ativar a circulação.

Depois de levar os livros para a pequena escrivaninha na sala de estar, ia ver como Kyle estava e então voltava lá para fora. O caminho de cascalho levava a uma trilha entre as árvores e, por fim, a uma cerca quebrada que delimitava a propriedade. Denise e Kyle passeavam por ali de dia e, à noite, ela percorria o trecho sozinha. Sons diversos vinham de toda parte: de cima, o pio de uma coruja; mais à frente, um farfalhar no matagal; do lado, uma sacudida em um galho. A brisa movia as folhas, produzindo um som parecido com o do mar, e fazia a luz da lua chegar e desaparecer.

Mas o caminho era reto e Denise o conhecia bem. Depois da cerca, a floresta se fechava ao redor. Mais barulhos, menos luz, mas ainda assim ela seguia em frente. Por fim, a escuridão se tornava quase opressiva. A essa altura, dava para ouvir a água; o rio Chowan estava próximo. Outro grupo de árvores, uma rápida virada para a direita e de repente era como se o mundo se desdobrasse à frente: o rio, largo e lento, finalmente surgia. Poderoso, eterno, sombrio como o tempo. Denise cruzava os braços e o observava, internalizando-o, deixando-se ser inundada pela tranquilidade que ele inspirava. Costumava ficar ali por alguns minutos, raramente mais, porque Kyle estava em casa sozinho.

Então suspirava e dava as costas para o rio; estava na hora de voltar.



No carro, ainda à frente da tempestade, Denise se lembrava da consulta com o médico que acontecera mais cedo, naquele dia. Ela estava sentada e ele lia um laudo sobre Kyle.

Criança do sexo masculino, 4 anos e 8 meses no momento da avaliação... Kyle é uma criança bonita, sem nenhuma deficiência física aparente na cabeça ou na região facial... Nenhum registro de traumatismo craniano... gravidez descrita pela mãe como normal...

O médico continuou durante os minutos seguintes, descrevendo resultados específicos de vários exames, até finalmente chegar à conclusão.

Embora o QI esteja dentro da faixa de normalidade, a criança apresenta grande atraso na linguagem, tanto na recepção quanto na expressão... provavelmente se trata de distúrbio do processamento auditivo central (DPAC), embora a causa não possa ser determinada... Estimativa do desenvolvimento geral da linguagem: equivalente ao de uma criança de 24 meses... Capacidades futuras de linguagem e aprendizagem atualmente desconhecidas...

Quase a de um bebê, Denise não pôde evitar pensar.

Quando o médico terminou, pôs o laudo de lado e olhou para ela de forma solidária.

– Em outras palavras – disse devagar, como se ela não tivesse entendido o que acabara de ouvir –, Kyle tem problemas de linguagem. Por algum motivo, não sabemos exatamente qual, não consegue falar no nível apro-

priado para sua idade, embora seu QI seja normal. Também não consegue compreender a linguagem no nível de outras crianças de 4 anos.

– Eu sei.

A segurança da resposta dela o pegou desprevenido. Para Denise, o médico parecia esperar uma discussão, uma desculpa ou uma série de perguntas. Quando ele percebeu que ela não ia dizer mais nada, pigarreou.

– Há uma observação aqui de que já o avaliou em outro lugar.

Denise assentiu.

– Sim.

Ele procurou entre os papéis.

– Os laudos não estão no arquivo de Kyle.

– Eu não os entreguei.

O médico ergueu levemente as sobrancelhas.

– Por quê?

Denise pegou sua bolsa e a pôs no colo, pensando.

– Posso ser franca? – disse, finalmente.

Ele a estudou por um momento antes de se reclinar na cadeira.

– Por favor.

Denise relanceou os olhos para Kyle antes de olhar novamente para o médico.

– Kyle recebeu muitos diagnósticos errados nos últimos dois anos: surdez, autismo, transtornos invasivos do desenvolvimento e transtorno do déficit de atenção. Com o passar do tempo, nenhum deles se revelou correto. Sabe como é difícil para uma mãe ouvir essas coisas sobre o filho, acreditar nelas durante meses, aprender tudo a respeito, finalmente aceitá-las e depois descobrir que estavam erradas?

O médico não respondeu. Denise o olhou fixamente antes de prosseguir.

– Sei que Kyle tem problemas de linguagem e, acredite em mim, li tudo sobre problemas do processamento auditivo. Com toda a sinceridade, provavelmente li tanto quanto o senhor. Apesar disso, queria que as habilidades de linguagem de Kyle fossem testadas por uma fonte independente, de forma que eu soubesse exatamente em que área ele precisava de ajuda. No mundo real, Kyle precisa falar com outras pessoas além de mim.

– Então... nada disso é novidade para você.

Denise balançou a cabeça.

– Não, não é.

– Ele está fazendo algum tratamento?

– Treino com ele em casa.

O médico fez uma pausa.

– Kyle está sendo assistido por um fonoaudiólogo ou terapeuta comportamental, alguém que já trabalhou com crianças como ele?

– Não. Ele fez tratamento três vezes por semana durante mais de um ano, mas não parecia estar evoluindo. Ficou ainda mais atrasado, na verdade, então eu o tirei de lá em outubro. Agora o tratamento é só comigo.

– Entendo. – Pela forma como o médico falou, era óbvio que não concordava com a decisão.

Denise estreitou os olhos.

– O senhor precisa levar em conta que, embora esta avaliação mostre Kyle no nível de uma criança de 2 anos, representa uma melhora em relação ao ponto em que estava. Antes de trabalhar comigo, nunca tinha apresentado evolução nenhuma.



Três horas depois, dirigindo pela rodovia, Denise pensava em Brett Cosgrove, o pai de Kyle. Ele era o tipo de homem que chamava atenção, o tipo de que ela sempre havia gostado: alto e magro, com olhos escuros e cabelos negros como ébano. Denise o vira em uma festa, cercado de pessoas, obviamente acostumado a ser o centro das atenções. Na época ela tinha 23 anos, era solteira e estava em seu segundo ano de magistério. Perguntou à amiga Susan quem ele era. Ela disse que Brett ficaria na cidade por algumas semanas, trabalhando para um banco de investimento cujo nome Denise já esquecera. Não importava que ele fosse de fora da cidade. Denise olhou na direção de Brett, ele retribuiu o olhar e eles continuaram flertando durante os quarenta minutos seguintes, até que ele finalmente se aproximou para falar com ela.

Quem pode explicar o que aconteceu depois? Hormônios? Solidão? O clima do momento? De qualquer forma, eles saíram da festa pouco depois das onze, tomaram alguns drinques no bar do hotel dele enquanto contavam histórias divertidas sobre suas vidas, flertaram pensando no que poderia acontecer depois e acabaram na cama. Foi a primeira e última vez que Denise o viu. Brett voltou para Nova York, para a própria vida. Para

– mesmo então Denise suspeitara – uma namorada que se esquecera de mencionar. E Denise voltou para a vida dela.

Na época, aquilo não parecera significar muito. Um mês depois, em uma manhã de terça-feira, sentada no chão do banheiro abraçada ao vaso sanitário, ganhou um grande significado. Denise foi ao médico, que confirmou o que ela já sabia.

Estava grávida.

Telefonou para Brett e deixou uma mensagem na secretária eletrônica pedindo que ligasse de volta. Três dias depois, ele por fim ligou. Ouviu-a e depois suspirou de um jeito que soou exasperado. Ofereceu-se para pagar um aborto. Denise era católica e respondeu que não faria isso. Como aquilo tinha acontecido?, perguntou ele, irritado. Acho que você já sabe a resposta, respondeu ela. Brett questionou se o bebê era dele. Denise fechou os olhos, acalmando-se para não reagir à provocação. Sim, era. Mais uma vez ele se ofereceu para pagar um aborto. Mais uma vez ela respondeu que não. Brett lhe perguntou o que ela queria que ele fizesse. Denise disse que nada, só achava que ele deveria saber. Brett disse que contestaria o pedido se ela quisesse pensão. Denise disse que não esperava receber pensão, mas precisava saber se ele gostaria de se envolver na vida da criança. Ouviu o som da respiração de Brett do outro lado da linha. Não, disse ele por fim. Estava noivo de outra pessoa.

Denise nunca mais falou com ele.



Na verdade, era mais fácil defender Kyle para um médico do que para si mesma. Ficava mais preocupada do que deixava transparecer. Embora Kyle tivesse melhorado, ter a linguagem de uma criança de 2 anos não era algo muito animador. E ele faria 5 em outubro.

Ainda assim, Denise se recusava a desistir dele. Nunca desistiria, embora trabalhar com Kyle fosse a coisa mais difícil que já fizera. Ela não só assumia as coisas corriqueiras – preparar as refeições do filho, levá-lo a parques, brincar com ele na sala de estar, mostrar-lhe novos lugares –, como também treinava a fala dele quatro horas por dia, seis dias por semana. O progresso de Kyle, embora inegável desde que começara a trabalhar com ele, dificilmente poderia ser considerado constante. Em alguns dias ele repetia tudo o que ela lhe pedia para dizer e em outros, não. Em alguns dias compreendia

as coisas facilmente e em outros parecia mais atrasado do que nunca. Na maioria das vezes, conseguia responder a perguntas do tipo “o que” e “onde”, mas “como” e “por que” ainda eram incompreensíveis. Quanto a conversar, estabelecer um fluxo do raciocínio com outra pessoa, isso ainda não passava de uma hipótese científica, algo muito além da capacidade de Kyle.

No dia anterior eles tinham passado a tarde às margens do rio Chowan. Kyle gostava de ver os barcos a caminho de Batchelor Bay e também seria uma mudança em sua rotina. Geralmente, enquanto eles treinavam, Kyle ficava numa cadeira na sala de estar, preso por um cinto. Isso o ajudava a se concentrar.

Denise escolhera um lugar bonito. Castanheiras margeavam a água e havia mais samambaias que mosquitos. Sentaram-se numa parte coberta de trevos, só os dois. Kyle olhava para a água. Denise anotava com cuidado o progresso dele em um caderno e escreveu a última informação. Sem olhar para cima, perguntou:

– Está vendo algum barco, querido?

Kyle não respondeu. Em vez disso, ergueu um minúsculo avião, fingindo fazê-lo voar. Estava com um olho fechado e o outro concentrado no brinquedo em sua mão.

– Kyle, querido, está vendo algum barco?

Ele emitiu um pequeno ronco, o som de um motor imaginário acelerando. Não estava prestando atenção nela.

Denise olhou para a água. Nenhum barco à vista. Estendeu o braço e tocou na mão do filho, certificando-se de ter captado sua atenção.

– Kyle, diga “Não vejo nenhum barco”.

– Vião.

– Eu sei que é um avião. Diga “Não vejo nenhum barco”.

Ele ergueu um pouco mais o brinquedo, com um olho ainda concentrado nele. Depois de um momento, falou de novo:

– Vião jato.

– Sim, você está segurando um avião.

– Vião jato.

Denise suspirou.

– Sim, um avião *a jato*.

– Vião.

Ela olhou para o rosto de Kyle, tão perfeito, tão bonito e aparentemente tão *normal*. Pôs um dedo no queixo do filho e o virou para si.

– Estamos aqui fora, mas ainda precisamos treinar, está bem? Se você não falar o que eu pedir, vamos voltar para a sala, para a sua cadeira. Você não quer isso, quer?

Kyle não gostava da cadeira. Depois de afivelado o cinto, não dava para escapar – e nem ele nem criança nenhuma gostam de ficar presas. Ainda assim, Kyle moveu o avião de brinquedo de um lado para o outro com atenção, mantendo-o alinhado com um horizonte imaginário.

Denise tentou de novo.

– Diga “Não vejo nenhum barco”.

Nada.

Ela tirou um pedacinho de doce do bolso do casaco.

Kyle o viu e tentou pegá-lo. Denise o manteve fora do seu alcance.

– Kyle? Diga “Não vejo nenhum barco”.

Aquilo foi muito difícil, mas as palavras finalmente saíram.

Ele sussurrou:

– Não veio nium baco.

Denise se inclinou para a frente e o beijou, depois lhe deu o doce.

– Muito bem, querido, muito bem. É isso aí. Você é bom de conversa!

Kyle recebeu o elogio enquanto comia o doce, então voltou de novo ao brinquedo.

Denise anotou as palavras em seu caderno e continuou a lição. Olhou para cima, pensando em algo que ele não dissera naquele dia.

– Kyle, diga “O céu é azul”.

Depois de um instante:

– Vião.



De volta ao carro, agora a vinte minutos de casa. Denise ouviu Kyle se mexer em sua cadeirinha no banco de trás e olhou pelo espelho retrovisor. Logo os ruídos cessaram, e ela tomou cuidado para não fazer nenhum barulho até ter certeza de que o filho dormia de novo.

Kyle.

O dia anterior fora típico de sua vida com ele. Um passo para a frente, um para trás, dois para o lado, sempre uma luta. Kyle estava melhor do que antes, mas ainda muito atrás das outras crianças. Algum dia conseguiria alcançá-las?

Lá fora nuvens escuras se estendiam no céu e a chuva caía sem parar. No banco traseiro, Kyle sonhava, as pálpebras tremendo. Denise imaginou como seriam os sonhos do filho. Seriam desprovidos de som, um filme mudo passando em sua cabeça, nada além de imagens de foguetes e jatos brilhando no céu? Ou as poucas palavras que ele conhecia estariam em seus sonhos? Ela não sabia. Às vezes, quando ele estava dormindo em sua cama, Denise se sentava ao lado dele e ficava imaginando que, em seus sonhos, o menino vivia em um mundo em que todos o compreendiam, em que o idioma era real para ele – talvez nem fosse seu idioma nativo, mas algo que fizesse sentido para Kyle. Denise tinha esperanças de que o filho sonhasse estar brincando com outras crianças, crianças que interagem com ele, que não se afastavam por ele não falar. Tinha esperanças de que ele fosse feliz nos sonhos. Deus podia ao menos fazer isso, não podia?

Agora, dirigindo por uma rodovia silenciosa, estava sozinha. Com Kyle no banco de trás, mas ainda sozinha. Denise não tinha escolhido essa vida; fora sua única opção. É claro que podia ter sido pior e ela fazia o possível para ter isso em mente. Mas na maioria das vezes não era fácil.

Kyle teria esses mesmos problemas se o pai estivesse por perto? No fundo do coração, Denise não tinha certeza, mas não queria pensar que sim. Certa vez havia perguntado isso a um dos médicos de Kyle e ele respondera que não sabia. Uma resposta honesta – e dentro das expectativas –, mas depois ela teve dificuldade em dormir durante uma semana. Como o médico não havia descartado a ideia, ela criou raízes na mente de Denise. De algum modo, ela podia ter sido responsável pelos problemas de Kyle? Pensar assim também levava a outras perguntas. Se não fora o pai ausente, tinha sido algo que ela fizera na gravidez? Havia consumido os alimentos errados? Descansara o suficiente? Devia ter tomado mais vitaminas? Ou menos? Tinha lido o bastante para Kyle quando ele era bebê? Tinha ignorado o filho no momento em que precisara dela? Era doloroso pensar nas possíveis respostas para essas perguntas e, com muita força de vontade, Denise as tirava de sua mente. Mas, às vezes, tarde da noite, elas voltavam. Como ervas daninhas espalhando-se pela floresta, era impossível contê-las para sempre.

Tudo isso de algum modo fora culpa dela?

Em momentos como esses, Denise se esgueirava pelo corredor até o quarto de Kyle, para observá-lo dormir. Ele dormia com um cobertor

branco na cabeça e brinquedinhos na mão. Denise o olhava e sentia tristeza, mas também alegria. Certa vez, quando eles ainda moravam em Atlanta, alguém lhe perguntara se ela teria tido Kyle se soubesse o que estava reservado para ambos. “É claro”, respondera rapidamente, como devia fazer. E, em seu íntimo, soube que estava sendo sincera. Apesar dos problemas de Kyle, ela o via como uma bênção. Se pensasse nisso em termos de prós e contras, a lista de prós era não só muito maior, como também muito mais relevante.

Mas, em virtude dos problemas do filho, Denise o amava e sentia necessidade de protegê-lo. Todos os dias havia momentos em que tinha vontade de ir em defesa dele, de explicar a situação, fazer os outros entenderem que, embora Kyle parecesse normal, havia algo de errado em seu cérebro. Mas, na maioria das vezes, não fazia isso. Decidira deixar que os outros fizessem os próprios julgamentos. Se não o entendessem, se não lhe dessem uma chance, azar o deles. Porque, apesar de todas as dificuldades, Kyle era um menino maravilhoso. Não machucava as outras crianças; nunca as moradia, gritava com elas nem as beliscava, nunca lhes tirava os brinquedos e emprestava os dele mesmo quando não queria. Ele era uma criança doce, a mais doce que Denise já conhecera, e quando sorria... Deus, era simplesmente lindo. Denise retribuía, Kyle continuava sorrindo e, por uma fração de segundo, ela achava que tudo estava bem. Dizia-lhe que o amava e o sorriso se ampliava, mas, como o filho não conseguia falar direito, às vezes parecia que ela era a única que notava quanto ele era maravilhoso. Kyle ficava sentado sozinho na caixa de areia e brincava com seus caminhões enquanto as outras crianças o ignoravam.

Denise se preocupava com Kyle o tempo todo e, embora todas as mães se preocupassem com os filhos, ela sabia que seu caso não era igual. Às vezes desejava conhecer outra pessoa que tivesse um filho como o dela. Então pelo menos alguém entenderia. Teria alguém com quem conversar e compartilhar experiências, um ombro para chorar. As outras mães acordavam todos os dias e se perguntavam se os filhos algum dia teriam amigos? Um amigo que fosse? *Algum dia?* As outras mães se perguntavam se os filhos frequentariam uma escola comum, praticariam esportes ou iriam ao baile de formatura? Viam os filhos serem marginalizados não só por outras crianças, como também por outros pais? Preocupavam-se todos os minutos de todos os dias, sem saber quando isso acabaria?

Os pensamentos de Denise seguiam esse caminho familiar enquanto ela dirigia o velho Datsun por estradas agora familiares. Faltavam dez minutos. Faria a próxima curva, atravessaria a ponte na direção de Edenton e então viraria à esquerda na Charity Road. Pouco mais de um quilômetro e meio depois, estaria em casa. A chuva continuava a cair e o asfalto estava preto e reluzente. Os faróis dianteiros brilhavam na distância, refletindo a chuva, diamantes caindo do céu noturno. Ela estava passando por um pântano sem nome, um dos muitos na área costeira alimentados pelas águas do canal de Albemarle. Poucas pessoas moravam ali e as que moravam raramente eram vistas. Não havia nenhum outro carro na via. Foi quando Denise fazia uma curva a 95 quilômetros por hora que a viu na estrada, a menos de 40 metros: uma corça adulta, de frente para os faróis que se aproximavam, paralisada pela incerteza.

O carro ia rápido demais para parar, mas o instinto foi mais forte e Denise pisou fundo no freio. Ouviu os pneus cantando, sentiu que perdiam aderência ao solo molhado e o veículo continuou deslizando. Ainda assim, a corça não se moveu. Denise viu os olhos dela – duas pedras de mármore amarelo brilhando na escuridão. Ia atingi-la. Ouviu-se gritando enquanto puxava o volante com força, os pneus dianteiros derrapando e depois de algum modo respondendo. O carro começou a ir em diagonal pela estrada e por pouco não atingiu o animal. Finalmente, a corça saiu de seu transe e galopou em segurança para fora da estrada, sem olhar para trás, só que era tarde.

A guinada fora demais para o carro. Denise sentiu as rodas descolarem do asfalto e o baque do carro batendo de volta no chão. Os velhos amortecedores geraram violentamente: uma mola quebrada. As árvores estavam a menos de 10 metros da rodovia. Denise virou o volante de novo, mas o carro se projetou para a frente como se ela não tivesse feito nada. Ela arregalou os olhos e respirou pesadamente. Tudo pareceu se mover em câmera lenta, depois em velocidade máxima e a seguir em câmera lenta de novo. De repente Denise percebeu que era inevitável, embora o pensamento só tenha durado uma fração de segundo; foi quando ela bateu em uma árvore. Ouviu o retorcer de metal e o estilhaçar do vidro à medida que a frente do carro se deformava em sua direção. Como o cinto de segurança só estava em seu abdome, não cruzado no tronco, sua cabeça foi lançada para a frente e bateu no volante. Uma dor aguda na testa...

E então mais nada.



— Ei, a senhora está bem?

Com o som da voz do estranho, o mundo voltou lenta e vagamente, como se Denise estivesse nadando na direção da superfície em um lago de águas turvas. Ela não sentia nenhuma dor, mas tinha o gosto salgado e amargo de sangue na boca. Ainda não tinha percebido o que acontecera e levou a mão à testa enquanto tentava abrir os olhos.

– Não se mexa... vou chamar uma ambulância...

Denise mal registrou as palavras; não significaram nada para ela. Tudo estava indistinto, inclusive os sons, tudo entrava e saía de foco. Lenta e instintivamente, virou a cabeça na direção da figura sombreada no canto de seus olhos.

Um homem... cabelos escuros... capa de chuva amarela... se virando...

A janela lateral estava quebrada e ela sentiu a chuva entrando no carro. Um estranho silvo vinha da escuridão enquanto uma coluna de vapor escapava do radiador. Sua visão estava voltando devagar, começando pelas imagens mais próximas. Havia cacos de vidro em seu colo, em sua calça... sangue no volante à sua frente.

Tanto sangue...

Nada fazia sentido. Imagens desconhecidas passavam por sua mente, uma após a outra...

Fechou os olhos e sentiu dor pela primeira vez... Abriu-os. Forçou-se a se concentrar. Volante... o carro... estava no carro... escuro lá fora...

– Meu Deus!

De repente, tudo voltou. A curva... a corça... o carro desgovernado. Ela se virou no banco. Estreitando os olhos ensanguentados, focalizou o banco traseiro – Kyle não estava no carro. O cinto de segurança da cadeirinha estava destravado e a porta do lado dele estava aberta.

Kyle?

Pela janela, Denise gritou pela pessoa que a acordara... se é que houvera uma. Não sabia ao certo se o homem fora apenas uma alucinação.

Mas ele estava lá e se virou. Denise pestanejou... Ele vinha em sua direção. Um gemido escapou dos lábios dela.

Mais tarde ela se lembraria de que não ficara assustada de imediato, não do modo como era de esperar. Sabia que Kyle estava bem; nem mesmo lhe passara pela cabeça que poderia não estar. Ele estava preso pelo cinto – tinha certeza disso – e não havia danos na parte traseira. A porta de trás estava aberta... mesmo em seu estado de confusão, teve certeza de que a pessoa – quem quer que fosse – ajudara Kyle a sair do carro. Mas agora a figura estava na janela.

– Ouça, não tente falar. Está bastante machucada. Meu nome é Taylor McAden e sou do corpo de bombeiros. Tenho um rádio no carro. Vou chamar ajuda.

Ela rolou a cabeça, focalizando-o com olhos embaçados. Fez o que pôde para se concentrar, tornar suas palavras o mais claras possível.

– Meu filho está com você, não está?

Denise sabia qual seria a resposta, qual deveria ser, mas, estranhamente, a resposta não veio. Em vez disso, o homem pareceu precisar de tempo extra para pronunciar as palavras, como Kyle. A boca dele se contorceu apenas um pouco, quase letargicamente, e então balançou a cabeça.

– Não... Acabei de chegar aqui... Seu filho?

Foi então – olhando nos olhos dele e imaginando o pior – que o medo a invadiu. Como uma onda, começou a desabar sobre ela e Denise se sentiu afundando dentro dele, como quando soubera da morte da mãe.

Um raio cruzou o céu de novo e o trovão se seguiu quase imediatamente. A chuva desabou e o homem enxugou a testa com as costas da mão.

– Meu filho estava aqui atrás! Não o viu?

As palavras saíram claramente, altas o bastante para surpreender o homem à janela e despertar o último dos sentidos adormecidos de Denise.

– Eu não sei o q...

Com o súbito aguaceiro, ele não havia entendido o que ela tentava dizer.

Denise tentou sair do carro, mas o cinto de segurança a impediu. Ela o desafivelou rapidamente, ignorando a dor no pulso e no cotovelo. O homem deu um passo involuntário para trás quando Denise forçou com o

ombro a porta ligeiramente empenada pelo impacto. Denise estava com os joelhos inchados da batida no console e quase perdeu o equilíbrio quando ficou em pé.

– Acho que não deveria se mexer...

Segurando no carro para se apoiar, Denise ignorou o homem e começou a contornar o veículo na direção da porta aberta de Kyle.

Não, não, não...

– Kyle!

Sem poder acreditar, ela se inclinou para dentro do carro a fim de procurar o filho. Examinou o chão e depois o banco de novo, como se ele pudesse reaparecer magicamente. O sangue correu para a cabeça de Denise, trazendo com ele uma dor aguda que ela ignorou.

Onde está você? Kyle...

– Senhora...

O bombeiro a seguia ao redor do carro, aparentemente sem saber o que fazer, o que estava acontecendo ou por que aquela mulher coberta de sangue ficara subitamente tão agitada.

Ela agarrou seu braço e olhou em seus olhos.

– Não o viu? Um garotinho... cabelos castanhos? – As palavras tinham um tom de pânico. – Ele estava no carro comigo!

– Não, eu...

– Me ajude a encontrá-lo! Ele só tem 4 anos!

Denise se virou depressa e o movimento quase a fez perder o equilíbrio. Ela segurou no carro de novo. Sua visão foi escurecendo e ela tentou controlar a vertigem. O grito saiu apesar de sua cabeça estar girando.

– Kyle!

Puro terror agora.

Concentrou-se... fechou um olho para focalizar melhor... ficou mais claro de novo. Agora a tempestade estava no auge. Era difícil até enxergar as árvores que estavam a 5 metros de distância. A escuridão era absoluta naquela direção... somente o caminho para a rodovia estava nítido.

Meu Deus!

A rodovia...

Denise sentiu seus pés escorregarem na relva molhada e ouviu a própria respiração entrecortada à medida que cambaleava na direção da estrada. Caiu uma vez, levantou-se e seguiu em frente. Finalmente entendendo, o

homem correu atrás dela, alcançando-a antes que ela chegasse ao asfalto. Os olhos dele examinaram a área ao redor.

– Não o vejo...

– *Kyle!* – gritou Denise o mais alto que pôde, rezando silenciosamente enquanto fazia isso.

Embora quase abafado pela tempestade, o som instigou Taylor a agir. Eles se separaram e seguiram em direções opostas, ambos gritando o nome de Kyle, ambos parando de vez em quando para tentar ouvir algum som. Contudo, a chuva era ensurdecadora. Depois de alguns minutos, Taylor voltou correndo para seu carro e fez uma chamada para o corpo de bombeiros.

As duas vozes – a de Denise e a de Taylor – eram as únicas no pântano. A chuva tornava impossível ouvirem um ao outro, quanto mais uma criança, mas prosseguiram assim mesmo. A voz de Denise era aguda, o grito desesperado de uma mãe. Taylor foi para uma encosta, gritando repetidamente o nome de Kyle e correndo uns 100 metros de um lado para o outro na estrada, contagiado pelo medo da mulher. Finalmente outros dois bombeiros chegaram com lanternas nas mãos. Ao verem Denise com os cabelos grudados de sangue coagulado e a blusa manchada de vermelho, o mais velho deles recuou por um momento e tentou inutilmente acalmá-la.

– Vocês precisam me ajudar a encontrar meu filho! – soluçou Denise.

Solicitaram ajuda novamente, outras pessoas chegaram dentro de minutos. Agora seis procuravam.

A tempestade ainda rugia furiosamente. Relâmpagos, trovões... ventos em rajadas fortes o suficiente para fazer as pessoas na busca se curvarem.

Foi Taylor quem encontrou o cobertor de Kyle no pântano, a cerca de 50 metros do acidente, preso no matagal que cobria a área.

– Isto é dele? – perguntou.

Denise começou a chorar assim que o cobertor lhe foi entregue.

Mas após trinta minutos de busca não havia nenhum sinal do filho.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br